

MUDOS

Ópera Curta

libreto de Vasco Gato
para música de Gonçalo Gato

ABERTURA

M está sentada num banco. Luz. Vemos que espera. [música de abertura]. Entra H pela esquerda do palco. Descreve um movimento para lá e para cá, atrás do banco, enquanto profere.

H

Eu não me reconheço.

Eu não preciso de explicar.

Eu posso simplesmente dizer o contrário e ser verdade.

Eu não tenho verdade.

Eu não.

Eu não produzo a minha vida nem ela me produz.

Eu intervenho.

Eu reparto-me pela madeira perpétua.

Eu estabeleço-me contra a expectativa anónima.

Contra a minha própria expectativa.

Eu poderia recomeçar tudo, mas sem saber que o fazia.

Eu poderia estar noutro lugar.

Eu poderia.

Eu desejaria que houvesse um lugar para eu estar.

Mas é tarde.

Sou tarde.

Sou, de repente, atrasado ao meu próprio corpo.

Que é um corpo senão atrasar-se?

Eu renovo-me e reescrevo-me e apresso-me no meu atraso de tudo.

Eu não existo contemporâneo ao meu desejo.

Mas o meu desejo volta atrás, puxa-me, esclarece-me.

Emite-me.

Eu, que desejo forte, não desejo o meu desejo.

Eu não apareci.

Eu não.

Mas estou mais perto.

Estarei?

Estou mais perto de cilindrar o meu escrúpulo.

Cansa-me ter de ir.

Cansa-me o que desejo.

Cansa-me as palavras com que digo tudo.

Com que não acerto.

Quem sou eu para acertar?

Já não me vejo.

Já só me aturo.

O que disse ontem pertence a ontem.

Como passam os dias uns para os outros?

Como podem?

As noites são síncope, dilaceram o que dissemos.

Então as bocas são o prazo mais curto.

Nada no mundo é como as bocas.

Nada no mundo escorrega tanto.

Nada no mundo nos pega tanto.

Emanamos um vapor a gente.

Emanamos a febre das narrativas.

Emanamos a subtileza.

Adoecemos uns dos outros.

Para quê?

ENCONTRO

H prossegue o seu movimento pendular atrás
do banco. M levanta-se dá um passo à frente,
inicia o seu movimento pendular, mais
devagar que H. Proferem.

M

A solidão executa o homem.

H

Perdi-me.

Ando perdido.

M

A solidão que se escolhe.

Cada vez mais sós.

H

Terei recomeçado?

Quantas vezes terei recomeçado?

M

Vim esperar e sei esperar.

H

A narrativa em que me deposito é um território
escarpado.
Escarpam-me os dedos.

M

Pensei que num lugar do mundo fosse possível.
É preciso um lugar para aliviar a solidão.

H

Fui treinado para rastejar.
Fui treinado para embevecer, mas o sacrifício foi-me
atroz.

M

Se nesse lugar duas pessoas.
Se nesse lugar duas pessoas se situassem.
Se nesse lugar duas pessoas se situassem paredes meias.
Se nesse lugar duas pessoas sem paredes fossem a meias.

H

As pessoas.
As pessoas são como os perigos.
Corremo-las.

M

As pessoas exaltam-nos.
Destilam-nos no lábio firme do encontro.
Por mais que haja medo.

Por mais que pareça errado.
Por mais que, no bolso, viaje a tarântula da consciência.
Tudo isso nos deforma e corrige.

H

Tenho uma dor que atravessa as mãos.
Como se nos ossos fizesse frio, muito frio.

M

Cair não é um perigo.
Perigo é permanecer à altura rasa do chão.

H

Eu não caí.
Eu tive um dia em que me desprendi da sorte.
Mas não caí.

M

As voltas que damos para não mudar a paisagem.
O vagão avança de janelas pintadas.
Temos as mãos sujas de tinta.

H

Estalamos o instinto.
Retocamos o cálculo.
Aprendemos a circumnavegação do nosso trono.

M

Não se perde tempo.
O tempo é apetecer-nos o mundo.
O mundo de todas as partes.

H

Bravo, foste capaz de suplicar que sim.
Bravo, não te entretiveste com o barulho lá fora.
Bravo, abriste a camisa e suaste devagarinho.
Bravo, amorteceste a vontade de fugir.
Bravo, eras belo e aproveitaste.
Bravo, deixaste o mundo por decifrar.

M

Essa cola que trazias não aguentou o puxão.

H

[...]

M

Secou-se-te a voz?

H

[...]

FECHO

H dirige-se para o banco e deita-se ao
comprido, peito voltado para cima. M
continua o seu movimento vagaroso até
cumprir a fala. Então, avança até ao banco e
senta-se sobre H, como se ele não lá
estivesse.

M

A quem falo quando falo?

Existirá alguém em alguém?

Um rosto pode sugar-nos a boca.

Um rosto que não fala.

Um rosto a quem, desvairadamente, falamos.

As pessoas são subterrâneos.

Conterrâneos.

As pessoas que se amargam no opaco.

As pessoas opacas que soletram.

Não quero soletrar-me, quero assobiar-me a um ouvido.

Sono dissipado na cidade sem consolo.

Sou paisagem aos repelões, entro pela boca adentro para bater nos olhos.

Não me arrependo de me encenar ao lado.

Não me arrependo de ter expulsado as palavras que eram perfeitas.

Sou uma correcção em curso.

Porque antes não havia nada.

E viver não é mais que corrigir o nada.

Cada acto corrige.
Cada luta corrige.
Cada fome corrige.
Envergonhar o nada.
Humilhar o silêncio.
Estatelar uma biografia nos ossos da espera.
Os homens têm lados desiguais.
Os homens não se imitam.
Os homens falam da honestidade que conseguem.
Não falam de mais nada.
Não há outra medida.
Estamos condenados à nossa coragem.
A tua boca não me chega.
Nem a tua.
Nem a tua.
Nenhuma boca chega.
A boca é escassez.
A sorte vária do mundo é uma inteligência em jogo.
Nada desperdices.
Nada expliques apressadamente.
Temos a fortuna de não nos conhecermos.
Temos a fortuna da interrogação mútua.
Temos a fortuna de não adivinharmos.
Temos a fortuna de vir em branco.
Temos a fortuna de passar à frente dos bancos.
Temos a fortuna de exigirmos mais.
Embriaga-te do que não podes.
Ao fundo, onde fervem as moedas da noite, podes encontrar o teu consolo.
Fala-me de ti.
Como se fosse verdade.
Como se não pudesses faltar.

FIM